

## **SOARES, JOSÉ EDUARDO DE MACEDO**

\*jornalista; dep. fed. RJ 1915-1923; const. 1934; sen. RJ 1935-1937.

*José Eduardo de Macedo Soares* nasceu em São Gonçalo (RJ) no dia 4 de setembro de 1882, filho de José Eduardo de Macedo Soares, empresário, professor e político, e de Cândida Sodré de Macedo Soares. Sua família teve marcante influência na vida política e cultural do país, a começar por seu avô, Joaquim Mariano de Azevedo Soares, fazendeiro e expoente da aristocracia rural fluminense. Seguiram-se seu tio, o conselheiro Antônio Joaquim de Macedo Soares, ministro do Supremo Tribunal Federal (STF) de 1892 a 1905; seus irmãos José Carlos de Macedo Soares, deputado à Constituinte de 1934, ministro das Relações Exteriores de 1934 a 1937 e de 1955 a 1958, ministro da Justiça em 1937 e interventor federal em São Paulo de 1945 a 1947, José Roberto de Macedo Soares, embaixador no Uruguai entre 1945 e 1951, e José Cássio de Macedo Soares, deputado federal de 1935 a 1937; e seus primos Edmundo de Macedo Soares e Silva, ministro da Viação e Obras Públicas em 1946, governador do estado do Rio de Janeiro entre 1947 e 1951 e ministro da Indústria e Comércio em 1967, José Armando de Macedo Soares Afonseca, deputado à Constituinte de 1946, e Hélio de Macedo Soares e Silva, deputado federal entre 1951 e 1955.

Matriculando-se na Escola Naval, no Rio de Janeiro, então Distrito Federal, José Eduardo tornou-se aspirante a guarda-marinha em março de 1898. Promovido a guarda-marinha em 1903 e a segundo-tenente em 1904, foi nomeado ajudante de ordens do almirante Duarte Huet Bacelar Pinto Guedes. Foi promovido a primeiro-tenente em 1908, mas em 1912 deixou a Marinha e passou a dedicar-se ao jornalismo, fundando no mesmo ano o jornal *O Imparcial*, de oposição ao presidente Hermes da Fonseca. Feito em moldes modernos, *O Imparcial* foi o primeiro jornal carioca a publicar ilustrações.

Em 1914, eclodiu no Ceará uma revolta provocada pelos problemas sucessórios locais, surgidos com a eleição, em 1912, do “coronel” Franco Rabelo para a presidência do estado, derrotando o “coronel” Antônio Nogueira Acióli, que dominava a política cearense desde 1896. Inconformado, o chefe político de Juazeiro (CE) Floro Bartolomeu uniu-se ao líder religioso Cícero Romão Batista e iniciou em sua cidade um movimento armado contra Franco Rabelo. A intervenção federal no Ceará, decretada em 1914 e exercida pelo general

Fernando Setembrino de Carvalho, provocou um sério desgaste no governo da República e abriu uma crise nos meios militares. O Clube Militar do Rio condenou a intervenção. A imprensa noticiou os fatos e, no Senado, Rui Barbosa, Irineu Machado e outros políticos denunciaram a atuação parcial do governo em relação aos acontecimentos. A situação evoluiu até que o presidente Hermes da Fonseca decretou, em 4 de março de 1914, estado de sítio no Distrito Federal, em Niterói e em Petrópolis (RJ). No dia seguinte, vários generais foram presos. Os jornais cariocas *Correio da Manhã*, *O Imparcial*, *Época*, *A Noite* e *O Malho* foram fechados. Rui Barbosa e Irineu Machado fugiram para São Paulo, enquanto Edmundo Bittencourt, José Eduardo de Macedo Soares, Caio Monteiro de Barros e outros proprietários de jornais foram presos. No entanto, Macedo Soares conseguiu escapar do quartel da Brigada Policial, situado na rua Frei Caneca, e fugir para São Paulo. Com o estado de sítio, a situação foi considerada sob controle, e a sucessão de Hermes da Fonseca pôde se processar normalmente, voltando os Acióli ao poder no Ceará.

Em janeiro de 1915, José Eduardo de Macedo Soares foi eleito deputado federal pelo estado do Rio de Janeiro, na legenda do Partido Republicano Fluminense, chefiado por Nilo Peçanha, que governara o país de junho de 1909 a novembro de 1910. Exerceu seu mandato até o final da legislatura, em dezembro de 1917. Em maio de 1918, foi novamente eleito para um período que se estendeu até dezembro de 1920. Reeleito em 1921, cumpriria mandato até 1923. Em 1922 participou da campanha de Nilo Peçanha para a presidência da República, movimento que ficou conhecido com o nome de Reação Republicana. Nilo concorria com Artur Bernardes, que era apoiado pelo presidente da República Epitácio Pessoa e foi afinal eleito em março do mesmo ano.

A reação a essa eleição e às punições impostas pelo governo de Epitácio Pessoa a alguns militares — como o fechamento do Clube Militar e a prisão do marechal Hermes da Fonseca — provocaria a primeira revolta tenentista da década de 1920. No dia 4 de julho, junto com Vivaldi Leite Ribeiro, Sílvio Rangel, Laurindo Lemgruber Filho, Carlos Eiras e Paulo Ornelas Couto, e com o apoio de César Sampaio, então comandante da polícia estadual fluminense, José Eduardo de Macedo Soares ocupou a Companhia Telefônica de Niterói, impedindo as comunicações com o Rio, no intuito de facilitar o levante. A revolta eclodiu no dia seguinte no Rio — envolvendo o forte de Copacabana, a Escola Militar do Realengo e efetivos da Vila Militar — e em Mato Grosso, abrangendo o contingente do

Exército local. Os rebeldes foram derrotados no mesmo dia, e Macedo Soares refugiou-se na legação da Argentina. Ainda antes do final do ano foi preso em Maricá, mas conseguiu fugir.

## NO DIÁRIO CARIOCA

O *Diário Carioca*, fundado por José Eduardo de Macedo Soares, começou a circular em 17 de julho de 1928, fazendo oposição ao presidente da República Washington Luís, que fora eleito em março de 1926. A partir de 1929, o jornal passou a apoiar a Aliança Liberal, coligação de oposições formada para disputar as eleições presidenciais marcadas para março do ano seguinte. Em setembro de 1929, Macedo Soares participou, como representante do estado do Rio de Janeiro, da convenção nacional da Aliança Liberal, que lançou como candidatos à presidência e vice-presidência da República respectivamente Getúlio Vargas e João Pessoa. No final do ano, sua atuação na imprensa ao lado da de Lindolfo Collor e de Assis Chateaubriand tornou-se marcante, e alguns de seus artigos ficaram célebres.

Em junho de 1930, Macedo Soares foi preso em Recife quando voltava da Europa, em função de um processo de imprensa, e transferido para o Rio.

Tendo apoiado a Revolução de 1930, que em outubro derrubou Washington Luís e em novembro instalou o governo provisório de Getúlio Vargas, Macedo Soares rompeu entretanto com os revolucionários em dezembro, acusando-os de desenvolver “uma administração incompetente e uma política mesquinha”. Pouco depois, o número do *Diário Carioca* que trazia o editorial “Balaio de caranguejos” foi impedido de sair. Mesmo assim, o texto foi divulgado através de milhares de cópias impressas nas oficinas do próprio jornal. Macedo Soares participou também da fundação do Clube 24 de Fevereiro, criado em 16 de fevereiro de 1932 para defender a reconstitucionalização do país e se opor ao Clube 3 de Outubro, a mais importante associação tenentista. Chegou a afirmar no *Diário Carioca* que o Clube 3 de Outubro tinha por finalidade “sustentar pela violência um regime de poderes discricionários que Getúlio Vargas planejava prolongar no país”. No dia 25 de fevereiro, em consequência dessas declarações, o *Diário Carioca* foi empastelado, espalhando-se desde logo a versão de que os responsáveis pelo atentado eram ligados aos “tenentes”. A crise que se seguiu foi grande. Em protesto contra a falta de empenho de Vargas em apontar

e punir os autores do empastelamento, um grupo de políticos — João Neves da Fontoura, Maurício Cardoso, João Batista Luzardo e Lindolfo Collor — se demitiu de seus cargos no governo provisório.

O *Diário Carioca* voltou a circular em abril, com Macedo Soares responsabilizando o governo da República pelo atentado e desenvolvendo uma oposição cada vez mais intransigente.

Ao lado de João Guimarães, Veríssimo de Melo, Raul Fernandes e José Monteiro Soares Filho, José Eduardo de Macedo Soares foi um dos fundadores do Partido Popular Radical (PPR) do Rio de Janeiro em março de 1933. Em maio desse ano, foi eleito deputado pelo estado do Rio à Assembleia Nacional Constituinte na legenda do PPR. Participou da elaboração da Carta Constitucional de 1934 e exerceu o mandato até abril de 1935.

Em outubro de 1934, realizaram-se em todo o país eleições para a Câmara dos Deputados e para as assembleias constituintes estaduais, as quais deveriam eleger governadores e senadores. Para eleger o governador fluminense, os dois partidos de maior força eleitoral no estado do Rio — a União Progressista Fluminense (UPF) e o PPR — precisavam da adesão dos deputados estaduais do Partido Socialista Fluminense (PSF). O PSF elegera cinco deputados à Assembleia, sendo que três eram oriundos do Partido Proletário do Estado do Rio e apoiavam a UPF. Esses três deputados foram substituídos por suplentes que apoiavam o PPR.

Ao lado de Raul Fernandes, João Guimarães, Levi Carneiro e Oscar Weinschenck, José Eduardo de Macedo Soares foi um dos nomes inicialmente apresentados pelo PPR ao PSF como opções entre as quais deveria ser escolhido o candidato a governador. O PSF não aceitou nenhum dos nomes, alegando já ter escolhido o deputado Correia e Castro, apoiado sobretudo por Alípio Costallat. Essa indicação não foi, contudo, aceita pelo PPR. Macedo Soares e Raul Fernandes foram finalmente os dois nomes em torno dos quais se polarizou a discussão, sendo por fim Raul Fernandes escolhido pela maioria do PPR. Entretanto, o PSF continuou a não aceitar a indicação, o que levou os dois partidos a tentarem a candidatura do almirante Protógenes Guimarães, ministro da Marinha.

Diante da importância que o governo do estado do Rio teria para a política nacional no momento da sucessão presidencial prevista para 1938, o problema da sucessão fluminense dividiu as posições nos estados. Os governos de Minas Gerais e do Rio Grande do Sul

apoiaram Cristóvão Barcelos, candidato da UPF, enquanto o governo federal e o governo do estado de São Paulo apoiaram Protógenes Guimarães.

Realizada em 25 de setembro de 1935, a eleição para o governo fluminense foi marcada por atos de violência, que chegaram a provocar ferimentos a bala em um deputado do PSF e no general Cristóvão Barcelos. O almirante Protógenes saiu vitorioso, mas a UPF conseguiu, através de recurso em que denunciava as precárias condições de segurança do pleito, que a Justiça Eleitoral anulasse o resultado, convocando novas eleições. Uma segunda votação realizada em novembro de 1935 confirmou a vitória de Protógenes por um voto. Na mesma ocasião, José Eduardo de Macedo Soares foi eleito senador. Exerceu o mandato até que o golpe do Estado Novo suprimisse os órgãos legislativos do país.

O Estado Novo, inaugurado em 10 de novembro de 1937, encontrou o governo do estado do Rio mergulhado numa séria crise, com as divergências entre os políticos locais agravadas pela doença que atacou Protógenes Guimarães. Indicado pelo grupo político liderado por José Eduardo de Macedo Soares, Ernâni Amaral Peixoto foi então nomeado interventor. Macedo Soares pretendia na verdade que Amaral Peixoto exercesse apenas um mandato-tampão, para que ele próprio pudesse assumir o poder no estado. Vargas, no entanto, pretendendo barrar sua ascensão, orientou Amaral Peixoto para que este assumisse de forma plena a interventoria. Mesmo assim, os principais postos no governo foram entregues a elementos favoráveis a Macedo Soares, os quais, mais tarde, com a deterioração das relações com o interventor, perderam seus cargos.

No dia 21 de abril de 1945, José Eduardo de Macedo Soares participou da primeira reunião do diretório nacional da União Democrática Nacional (UDN), quando foram nomeadas as comissões para a elaboração do primeiro projeto de estatutos do partido. Macedo Soares integrou a comissão de orientação política. Deu seu apoio à candidatura de Eduardo Gomes à presidência da República nas eleições de 1945 e 1950, e à de Juscelino Kubitschek em 1953, tendo também liderado a campanha do *Diário Carioca* em favor do governo Kubitschek.

Embora não tenha sempre dirigido o *Diário Carioca*, Macedo Soares desempenhou durante todo o tempo o papel de eminência parda do jornal, dando seu tom político e definindo suas diretrizes.

José Eduardo de Macedo Soares faleceu no Rio de Janeiro em 11 de maio de 1967.

*Robert Pechman*

FONTES: *Boletim Min. Trab.* (5/1936); CÂM. DEP. *Deputados*; CONSULT. MAGALHÃES, B.; *Diário do Congresso Nacional*; *Efemérides Paulistas*; *Encic. Barsa*; *Encic. Mirador*; ENTREV. PEIXOTO, A.; FONTOURA, J. *Memórias*; GODINHO, V. *Constituintes*; *Grande encic. Delta*; *Ilustração Brasileira* (10/1922); *Jornal do Comércio*, Rio (1/6/1967); LEITE, A. *Páginas*; MORAIS, A. *Minas*; NABUCO, C. *Vida*; NOGUEIRA FILHO, P. *Ideais*; *Novo dic. de história*; SENADO. *Anais* (13/11/1935); SILVA, H. 1935